

Bate-boca no Alvorada

Igor Camara 26.10.01

Luís Costa Pinto
Da equipe do **Correio**

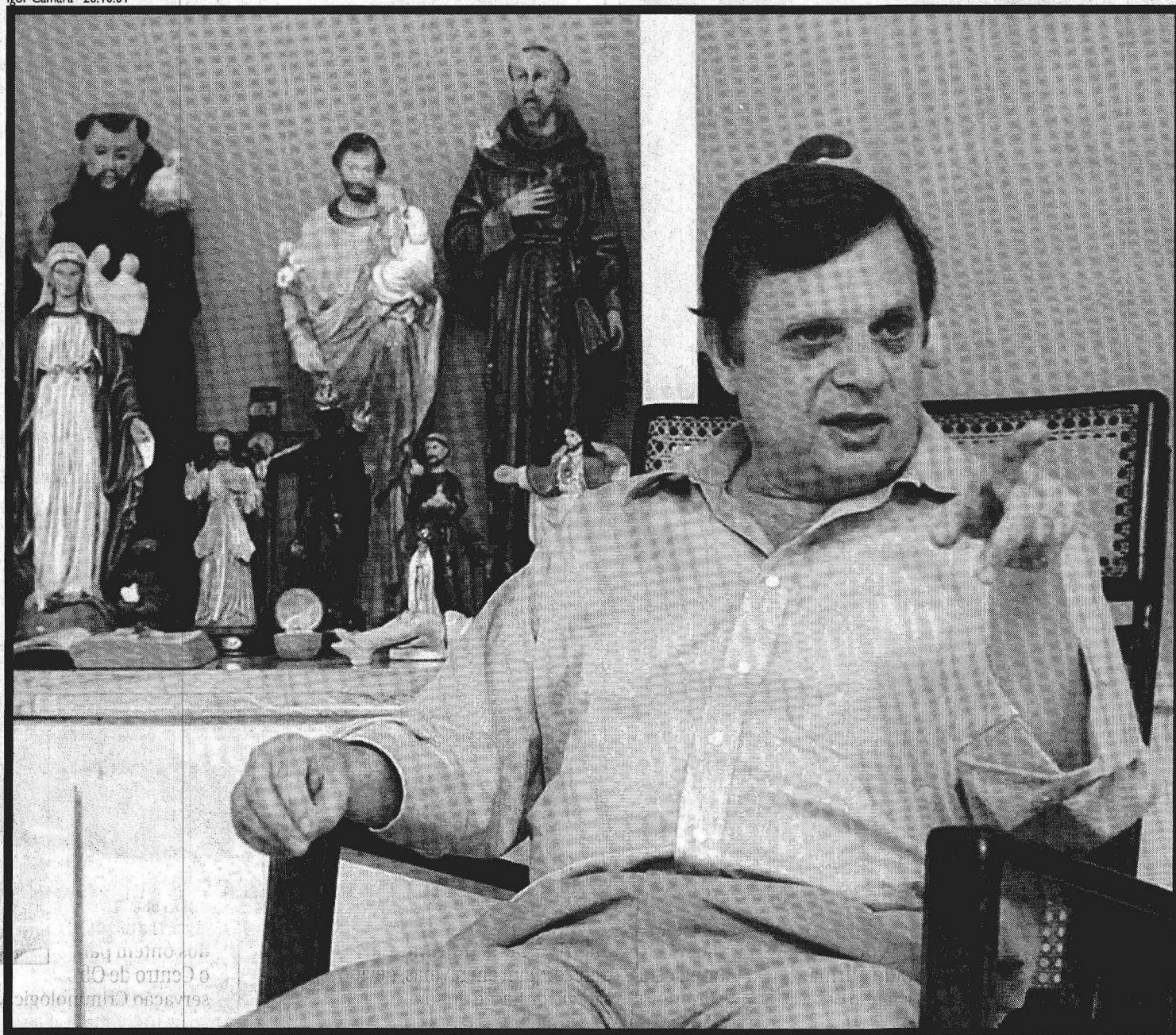
A folga de fim de ano não sarou as feridas abertas no coração do PSDB com a disputa entre o governador Tasso Jereissati, do Ceará, e o ministro José Serra, da Saúde, pela indicação oficial à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso. O auge dessa guerra se deu na noite de 19 de dezembro, em pleno Palácio da Alvorada, e teve o presidente da República por espectador. A discussão travada na sala íntima do Alvorada entre Tasso e o ministro da Justiça, Aloysio Nunes Ferreira, foi testemunhada pelos ministros Pimenta da Veiga, das Comunicações, e Arthur Virgílio Neto, chefe da Secretaria Geral da Presidência. Acompanharam mudos. Os diálogos foram tão duros e surpreendentes que tanto os protagonistas quanto a platéia do bate-boca firmaram o compromisso de silenciar sobre a discussão. Não conseguiram.

— O senhor, meu caro Aloysio, não venha aqui posar de estadista francês. Você não é — disparou Tasso ao ver o ministro da Justiça entrar na sala onde ele estava há algum tempo com FHC. E continuou: — Safadeza. Molecagem. Você diz que não toma partido na minha disputa com o Serra, mas passa o dia no Palácio do Planalto plantando notinhas em coluna de jornal a favor dele e contra mim.

— Você me respeite. Eu tenho história... — tentou reagir Aloysio Nunes Ferreira.

— Eu sei bem qual é a sua história. Enquanto eu fazia das tripas coração para eleger esse aqui presidente, em 1994... — explicou Tasso, apontando com o dedo na direção do presidente Fernando Henrique. Calado estava, calado FHC ficou. O governador seguiu com o bombardeio: — ...em 1994 você rodava o Brasil de braços dados com o Quêrcia. Quando eu bem sei o que você queria. Quercista (entre os tucanos, ter apoiado algum dia o ex-governador paulista Orestes Quêrcia, do PMDB, é considerado pecado quase capital. “Quercista”, para eles, é xingamento).

— Olhe aqui, eu... — interrompeu Aloysio. O governador não concedeu o aparte e prosseguiu com as imprecações. Impávidos em suas poltronas, nem



SEM ESPAÇO PARA A SUA CANDIDATURA, TASSO EXPLODIU COM ALOYSIO NUNES EM JANTAR NO ALVORADA. “CANALHA” FOI APENAS UM DOS XINGAMENTOS

FHC, nem Arthur Virgílio nem Pimenta da Veiga ousaram interceder em nome do bom senso ou das instituições.

— Olhe não. Olhe, não! — disse Tasso uma nota acima do tom. — Canalhice. Canalhice foi o que fizeram. E isso eu não admito. Segurem agora o que vai acontecer com o PSDB.

CENÁRIO DESASTROSO

A discussão seguiu, nesse mesmo nível, por mais alguns minutos até que o ajudante-de-ordens presidencial informou que o jantar estava posto. À mesa, Tasso, Pimenta e Arthur Virgílio desenharam um cenário desastroso para o PSDB caso o candidato oficial — Serra, ungido pelo presidente — seguisse a trilhar uma rota de

colisão com a governadora do Maranhão, Roseana Sarney. “Ela vai terminar apoiando o nosso candidato”, disse Fernando Henrique. À mesa, o ministro Aloysio Nunes Ferreira manteve-se calado. “Desse jeito, vamos perder a eleição”, vaticinou Tasso. “Se vocês quiserem, depois me chamem. Estou no Ceará.” De lá para cá, o governador e o presidente da República não se falaram mais.

“Quero esquecer aquela noite. Foi uma discussão desagradável de parte a parte”, diz hoje o ministro da Justiça. “Nunca pensei que ouviria o que ouvi. Isso aconteceu há tantos dias e não vazou, que eu acreditei ter sido um incidente superado. Não foi.” Recluso no Ceará, onde arma palanques que susten-

tem sua candidatura ao Senado, Tasso Jereissati também está constrangido e surpreso pelo vazamento da discussão. “Caso encerrado. Quem vazou? Não era para vazar. Foi pesado, mas disse o que precisava ser dito”, crê o governador. “Muitas vezes, os presidentes ficam ilhados nos palácios e não têm acesso à verdade, ao que de fato se passa ao redor deles. O bate boca no Alvorada serviu para isso.”

Tasso não abrirá dissidências dentro do PSDB, mas reivindica o tratamento que acredita merecer pelos anos de lealdade ao partido e, sobretudo, a Fernando Henrique. Ele está resignado a ser senador pelo Ceará, tem certeza de que será uma peça fundamental no Congresso em eventuais governos de Roseana

Sarney, do PFL, ou de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, mas sabe que jamais conseguirá juntar os cacos da amizade extinta com o ministro José Serra. “Ele não jogou limpo”, diz. Apesar da amargura, o governador cearense ainda crê na possibilidade de ser chamado para assumir uma candidatura presidencial tucana.

O ministro José Serra, que até o fim do mês abraça de vez a vaga de presidencial oficial, precisa avançar sobre o *front* do adversário. Roseana recusa-se a responder a seus telefonemas. Ele também não sabe como fazer para marcar um reencontro com Tasso. A temperatura da discussão no Alvorada demonstra que Serra não sairá incólume do incêndio que ajudou a criar.